

## O ocidente e a verdade do sexo

Michel Foucault

“L’Occident et la vérité du sexe”, *Le Monde*, n. 9885, 5 novembre 1976, p. 24, Traduzido por wanderson flor do nascimento.

Um inglês, que não deixou o nome, escreveu, nos fins do séc. XIX uma imensa obra que foi impressa em uma dezena de exemplares, não foi nunca a venda e acabou ficando com alguns colecionadores ou em raras bibliotecas. Um de seus livros mais desconhecidos, chama-se *My Secret Life*. O autor cita meticulosamente uma vida que foi essencialmente consagrada ao prazer sexual. Noite após noite, dia após dia, ele conta até suas menores experiências, sem fausto, sem retórica, com o único cuidado de dizer o que aconteceu, como, segundo qual intensidade e com qual qualidade de sensação.

Com este único cuidado? Talvez. Porque desta tarefa de escrever o cotidiano de seu prazer ele fala como de um puro dever. Como se tratasse de uma surda obrigação, um pouco enigmática, à qual ele não saberia recusar submeter-se: é preciso tudo dizer. E, entretanto, há outra coisa que, para esse inglês teimoso, trata-se de, neste “jogo-trabalho” combinar justamente um com o outro o prazer, o discurso verdadeiro sobre o prazer e o prazer próprio enunciado nesta verdade; trata-se de utilizar este diário – ao qual ele relê em voz alta, que ele escreve à medida – no desenvolvimento de novas experiências sexuais, segundo as regras de certos prazeres estranhos onde “ler e escrever” teriam um papel específico.

Steven Marcus<sup>1</sup> consagrou a este obscuro contemporâneo da Rainha Vitória algumas páginas notáveis. Eu não seria tentado, de minha parte, a ver nele um personagem da sombra, localizado de um “outro lado” em uma época de pudicidade. É antes uma revanche discreta e risonha sobre a pudicidade da época? Parece-me, sobretudo, situado em um ponto de convergência de três linhas de evolução bem pouco secretas em nossa sociedade. A mais recente é aquela que dirigiria a medicina e a psiquiatria da época para um interesse quase entomológico pelas práticas sexuais, suas variantes e todo seu disparate: Krafft-Ebing<sup>2</sup> não está longe. A segunda, mais velha, é aquela que, desde Rétife e Sade, tem

---

<sup>1</sup> Marcus, S. *The Other Victorians. A Study of Sexuality and Pornography in MidNineteenth Century*. England, New York: Basic Books, 1966.

<sup>2</sup> Krafft-Ebing (R. von), *Psychopathia Sexualis: eine klinisch-forensische Studie*, Stuttgart, Ferdinand Enke, 1886. La seconde édition développa l'étude de la «sensibilité sexuelle contraire»: *Psychopathia Sexualis, mit besonderer Berücksichtigung der conträren Sexualempfindung. Eine klinisch-forensische Studie*, Stuttgart, Ferdinand Enke, 1887. A obra, disponível em francês, é a tradução da nova edição elaborada e ampliada por

inclinado a literatura erótica a buscar seus efeitos não somente na vivacidade e raridade das cenas que imaginaram, mas na busca obstinada de uma certa verdade do prazer: uma erótica da verdade, uma relação da verdade até intensidade são características desta nova “libertinagem” inaugurada no final do séc. XVIII. A terceira linha é a mais antiga; ela tem atravessado, desde a Idade Média, todo o Ocidente cristão: é a obrigação estrita para cada um de ir buscar no fundo de seu coração, para a penitência e exame da consciência, os traços, mesmo imperceptíveis, da concupiscência. A quase clandestinidade de *My Secret Life*<sup>3</sup> não deve iludir. A relação do discurso verdadeiro com o prazer do sexo tem sido um dos cuidados mais constantes das sociedades ocidentais. E isso desde séculos.

O que não se disse sobre esta sociedade burguesa, hipócrita, pudica, avara de seus prazeres, teimosa em não querer nem reconhecer e nem a nomeá-los? O que não se tem dito sobre a mais pesada herança que ela teria recebido do cristianismo – o sexo-pecado? E sobre a maneira como o séc. XIX utilizou esta herança para fins econômicos: o trabalho mais que o prazer, a reprodução das forças mais do que o puro gasto de energias?

E não estava aí o essencial? E se houvesse no centro da “política do sexo” engrenagens bem diferentes? Não de rejeição e ocultação mas de incitação? E se o poder não tivesse por função essencial dizer não, interditar e censurar, mas de ligar, segundo uma espiral indefinida a coerção, o prazer e a verdade?

Imaginemos somente o zelo com o qual nossas sociedades têm multiplicado, já há muitos séculos, todas as instituições que são destinadas a extorquir a verdade do sexo e que produzem para elas mesmas um prazer específico. Imaginemos a enorme obrigação da confissão e todos os prazeres ambíguos que, ao mesmo tempo, a perturbam e a tornam desejável: confissão, educação, relação entre pais e filhos, médicos e doentes, psiquiatras e histéricas, psicanalistas e pacientes. Se diz, as vezes, que o Ocidente não foi nunca capaz de inventar um único novo prazer. Não conta para nada a vontade de escavar, extrair, interpretar brevemente o “prazer de análise”, no sentido largo do termo?

---

Albert Moll em 1923 a partir da décima sexta e décima sétima edições alemãs: *Psychopathia Sexualis. Étude médico-légale à l'usage des médecins et des juristes* (trad. R. Lobstein), Paris, Payot, 1969.

<sup>3</sup> *My Secret Life* (anonyme), Amsterdam, 1890, II vol. (rééd. par Grove Press en 1964). Des extraits parurent en français sous le titre *My Secret Life. Récit de la vie sexuelle d'un Anglais de l'époque victorienne* (trad. C. Charnaux, N. Gobbi, N. Heinrich, M. Lessana), avec une préface de Michel Foucault, Paris, Les Formes du secret, 1977.

Mais que uma sociedade dedicada à repressão do sexo, eu veria a nossa dedicada à sua “expressão”. Que me perdoem essa palavra desvalorizada. Eu veria o Ocidente obstinado em extrair a verdade do sexo. As ciências, as barreiras, os ocultamentos não devem ser subestimados; mas eles apenas podem se formar e produzir seus duvidosos efeitos sobre o fundo de uma vontade de saber que atravessa toda nossa relação com o sexo. Vontade de saber, nesse ponto imperiosa e na qual somos envolvidos e pela qual chegamos não só a buscar a verdade do sexo, mas a enviá-la à nossa própria verdade. A ela caberia dizer o que somos. De Gerson a Freud, toda uma lógica do sexo é edificada e organiza a ciência do sujeito.

Nós nos imaginamos de bom grado como pertencentes de um regime “vitoriano”. Parece-me que nosso reinado é mais aquele imaginado por Diderot em *Os beijos indiscretos*: um certo mecanismo, uma pena invisível, faz falar o sexo em uma tagarelice quase interminável. Estamos em uma sociedade do sexo que fala.

\*

Assim, talvez seja preciso interrogar uma sociedade sobre a maneira com a qual ela organiza as relações do poder, da verdade e do prazer. Parece-me que se pode distinguir dois regimes principais. Um é o da arte erótica. A verdade é aí extraída do prazer mesmo, recolhido como experiência, analisado segundo sua qualidade, seguindo ao largo de suas reverberações no corpo e na alma e esse saber quintessenciado é, sob o selo do segredo, transmitido por iniciação magistral àqueles que se mostraram dignos e que souberam fazer uso ao nível mesmo do seu prazer, para intensificá-lo e torná-lo mais agudo e mais acabado.

A civilização ocidental, em todo caso, há séculos, quase nada conheceu da arte erótica; ela amarrou as relações de poder, do prazer e da verdade, sobre uma outra forma: uma “ciência do sexo”. Tipo de saber onde o que é analisado é menos o prazer do que o desejo, onde o mestre não tem a função de iniciar, mas de interrogar, de escutar, de decifrar, onde o processo não tem por fim uma majoração do prazer, mas uma modificação do sujeito (que se encontra perdoado ou reconciliado, curado ou liberto).

Desta arte à esta ciência, as relações são muito mais numerosas como que se pudesse fazer uma linha de divisão entre dois tipos de sociedade. A que trata da direção da consciência ou da cura psicanalítica, o saber do sexo ligado aos imperativos do segredo,

uma certa relação com o mestre em todo um jogo de promessas que aparecem ainda na arte erótica. Crieríamos que, sem essas relações turvas, alguns pagariam tão caro o direito bi-semanal de formular laboriosamente a verdade de seu desejo e esperar com toda paciência o benefício da interpretação?

Meu projeto seria fazer a genealogia desta “ciência do sexo”. Empreendimento que não é por ele mesmo uma novidade, eu o sei; muitos o fazem hoje e mostram o quanto de recusa, de ocultamento, de medos, de desconhecimento sistemático tiveram muito tempo em sua margem todo um saber eventual do sexo. Mas eu gostaria de tentar esta genealogia em termos positivos, à partir das incitações, dos focos, das técnicas e procedimentos que têm permitido a formação deste saber; gostaria de seguir desde o problema cristão da carne, todos os mecanismos que tem construído sobre o sexo um discurso de verdade e organizado em torno dele um regime misto de prazer e poder. Na impossibilidade de seguir globalmente esta gênese, eu tentaria, em estudos distintos, marcar algumas destas estratégias, as mais importantes, em relação às crianças, às mulheres, às perversões e à regulação dos nascimentos.

A questão que tradicionalmente se coloca é esta: Por que o Ocidente culpabilizou tanto tempo o sexo e como, sobre o fundo desta recusa ou deste medo, se veio a colocar através de muitas reticências a questão da verdade? Por que e como, desde o fim do séc. XIX se tem tentado levantar uma parte do grande segredo e isto com uma dificuldade da qual inclusive a coragem de Freud é ainda testemunha?

Eu gostaria de colocar uma questão totalmente outra: por que o Ocidente se tem interrogado continuamente sobre a verdade do sexo e exigido que cada um a formule sobre si? Por que se quis, com tanta obstinação que nossa relação conosco mesmos passe por esta verdade? É preciso então se espantar que no início do séc. XX nós tenhamos sido tomados por uma grande e nova culpabilidade, que nós tenhamos experimentado um tipo de remorso que nos fez crer que há séculos estamos em falta a respeito do sexo.

Parece-me que nesta nova culpabilização que nos parece tão ávida - o que é sistematicamente ignorante - é justamente esta grande configuração do saber que o Ocidente não cessa de organizar em torno do sexo, através de técnicas religiosas, médicas e sociais.

Suponho que estejam de acordo neste ponto. Mas ainda assim me dirão: "Esta grande confusão em torno do sexo, esse cuidado constante teve, até pelo menos o séc. XIX apenas um objetivo: Proibir o livre uso do sexo". Certamente, o papel das proibições foi importante. Mas o sexo é, em qualquer condição, proibido? Ou antes as proibições não são armadilhas no interior de uma estratégia complexa e positiva?

Toca-se aqui em um problema mais geral que seria preciso tratar antes como um contraponto desta história da sexualidade, o problema do poder. De uma maneira espontânea, quando se fala do poder se o concebe como lei, como interdição, com proibição e repressão; e somos bastante desarmados quando se trata de segui-lo em seus mecanismos e efeitos positivos. Um certo modelo jurídico pesa sobre as análises do poder, dando um privilégio absoluto à forma da lei. Seria preciso escrever uma história da sexualidade que não fosse ordenada pela idéia de um poder-repressão, de um poder-censura, mas por uma idéia de um poder-incitação, de um poder-saber; seria preciso desprender o regime de coerção, de prazer e de discurso que é não inibidor, mas construtivo deste domínio complexo que é a sexualidade.

Eu desejaria que esta história fragmentária da "Ciência do sexo" pudesse valer igualmente como o esboço de uma analítica do poder.